

KARL MARX: A CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA HISTÓRIA

META

Expor alguns elementos da concepção de História de Karl Marx.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
apresentar as características distintivas da concepção marxiana da História.

PRÉ-REQUISITO

Leitura atenciosa da Lição nº 19 no livro *Introdução à Filosofia (CESAD)*.



Karl Marx adolescente (Fonte: <http://pt.wikipedia.org>).

INTRODUÇÃO

Chegamos nesta parte a uma lição sobre Karl Marx e sua marcante e complexa concepção materialista da história. Se Jean-Paul Sartre, uma das mentes mais críticas e esclarecidas do século XX, afirmava que esta filosofia continuava sendo a “filosofia do nosso tempo” é porque nela encontramos elementos de uma interpretação viva e esclarecedora do tipo de vida social e política que vivemos hoje. A história em Marx, assim como em Hegel, serve para esclarecer o sentido do presente, mas também para sustentar uma proposição do futuro como nos iluministas e na concepção cristã.

Nas obras de Marx a *Ideologia Alemã* (1846), a *Miséria da Filosofia* (1847), o *Manifesto Comunista* (1848), e o *Prefácio à Contribuição da Crítica à Economia Política* (1859), encontram-se diferentes aspectos da sua concepção de história à luz do que é possível reconhecer certa influência no pensamento histórico de Marx de escritores como Hegel e a influência de Feuerbach, que defendia entre outras coisas que muitas das ideologias que os homens inventam e acreditam se explicam mediante referência às condições materiais em que eles se encontram; outra suposta forte influência é a de Saint-Simon, que atribuía grande importância às relações econômicas e aos conflitos de classes, como determinante das alterações históricas.

São ideias hegelianas presentes em Marx a noção de história como um movimento dinâmico, progressivo, a imagem do desenvolvimento histórico processando-se segundo “leis” dialéticas, o aparecimento “necessário” de diferentes estágios do processo histórico, em função dos quais os eventos da história devem em última análise ser compreendidos.



G. W. F. Hegel (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).

Em outros destacados aspectos a obra de Marx se apresenta como crítica do idealismo hegeliano em história: 1. a história não serve à aceitação do que necessariamente é, mas daquilo que necessariamente será; 2. no lugar de falar de “Espírito” agindo, Marx se volta para os fatos concretos humanos em sua condição “natural” ou “empírica”. Na obra *A sagrada família* esta formulação está bem sintetizada:

“*A base real da história* - A concepção de história de Hegel pressupões um espírito abstrato ou absoluto desenvolvendo-se de forma tal que a humanidade não é mais do que uma massa que o transporta, consciente ou inconscientemente. Daí Hegel introduzir, dentro da história empírica, exotérica, um história especulativa, esotérica. A história da humanidade transforma-se na história do espírito abstrato da humanidade: um espírito da humanidade, portanto, para além do homem real”. (MARX, 1845, apud GARDINER, 1969, P. 155).

Numa singular passagem da obra *A ideologia alemã* (MARX, 1846, apud GARDINER, 1955), Marx expõe sua posição e esclarece melhor seu conceito de história:

As premissas de que nós partimos não são arbitrárias nem dogmas; são premissas reais, a partir das quais só em imaginação é possível formar abstrações. São os indivíduos REAIS, a sua atuação e as suas condições materiais de vida: as que encontram quando nascem, como as que são produzidas pela sua própria atuação. Estas premissas são, portanto, verificáveis numa forma puramente empírica.

A primeira premissa de toda a história humana é, evidentemente, a existência de indivíduos humanos vivos. O primeiro fato a registrar, portanto, é a constituição física desses indivíduos e a relação que por meio dela se estabelece com o resto da natureza.

Marx rejeitava a ideia de que a história pode, em última análise, explicar-se pela ação de forças espirituais; além disso, insiste na tese de que a chave da evolução histórica está na maneira como os homens produzem e usam os instrumentos para criar os seus meios de subsistência. São os processos de produção e os tipos de organização necessários e adequados ao seu trabalho que representam os fatores fundamentais do desenvolvimento e das transformações sociais e históricas. É em função do trabalho que as outras facetas da vida social devem em última análise ser interpretadas e compreendidas: as instituições políticas e legais, por exemplo, ou as ideais morais, religiosas e sociais - estes são apenas “reflexos do processo da vida material” ou “super-estruturas”.



Idade Media (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).

Ao tornar isto claro, Marx julgava ter denunciado os conceitos errados que serviam de base a todas as teorias e interpretações idealistas contra as quais tão firmemente se insurgia. Marx pensa que as concepções e especulações políticas, morais, religiosas e filosóficas do homem, em qualquer período da história, são apenas significativas, na medida em que as considera como reflexo dos fatos fundamentais da produção material e dos conflitos entre os diferentes interesses econômicos originados pela evolução das técnicas de produção. Supor que elas poderiam ser consideradas como forças independentes dentro da história, era um erro; portanto, interessar-se por problemas teóricos acerca da sua verdade ou validade estava fora de questão. Assim, Marx acreditava que o fato de as diagnosticar como sendo, na sua origem, expressões de “interesses reais” atuando subjetivamente, tinha profundas incidências no método histórico, o qual até então havia se estabelecido em bases muito diferentes.

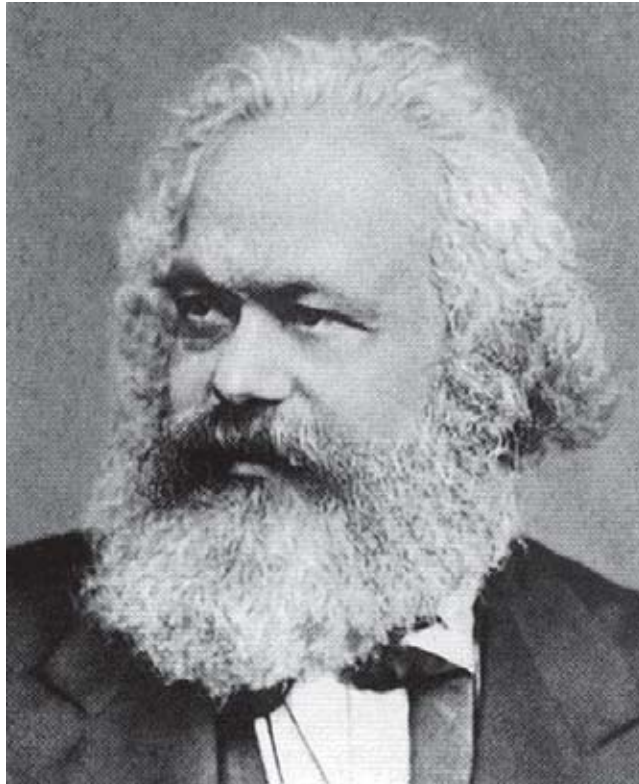
Não entraremos aqui na discussão sobre a “inevitável vitória do proletariado” prevista por Marx, a partir do acirramento dos conflitos de classe, da exaustão do capitalismo e das contradições entre as forças produtivas da indústria e as relações de produção na sociedade capitalista, que é o tema do *Manifesto comunista*.

A concepção do proletariado como sujeito da história, em sucessão à burguesia, advém da aplicação à interpretação da história de princípios gerais que ainda nos esforçaremos um pouco mais para esclarecer. Trata-se do fundamento que justifica uma interpretação que apresenta a “luta de classes” como motor da história, ou seja, aponta a condição alienada, inadequada e insatisfeita de parcelas das populações ao longo do tempo, que em determinadas circunstâncias são favorecidas com a chance histórica de alterarem o rumo, devendo para isto adquirirem consciência de seu lugar.

Nesse intuito, merece destaque uma famosa passagem de *A ideologia Alemã* em que Marx apresenta o que chamou de “conclusão geral”, na qual sua terminologia característica e as principais articulações dos fundamentos de sua concepção da história se apresentam:

A conclusão geral a que cheguei e que, uma vez alcançada, continuou a servir-me de fio condutor para os meus estudos, pode formular-se resumidamente da seguinte maneira: os homens, ao elaborarem a sua produção social, entram em determinadas relações que são indispensáveis e independentes de sua vontade, *relações de produção* estas que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das suas forças materiais de produção. A totalidade destas relações de produção constitui a *estrutura econômica* da sociedade – a *base real* em que se estabelecem as *superestruturas legais e políticas* e a que correspondem determinadas *formas de consciência social*.

O *modo de produção* da vida material determina o caráter geral dos processos de vida social, política e espiritual. *Não é a consciência dos homens que determina sua existência, mas, pelo contrário, é sua existência social que determina sua consciência*. Numa certa fase do seu desenvolvimento, as *forças materiais de produção* da sociedade entram em *conflito* com as *relações de produção* existentes ou – o que não é mais do que uma expressão legal da mesma coisa – com as relações de propriedade no âmbito das quais elas tinham anteriormente funcionado. De formas de desenvolvimento das forças de produção, essas relações passam a grilhetas das mesmas e surge então um período de *revolução social*. Com a alteração das bases econômicas, toda a imensa superestrutura se transforma mais ou menos rapidamente. [...] (a) consciência deve ser antes explicada a partir das condições da vida material, do conflito existente entre as forças sociais de produção e as relações de produção. Nenhuma ordem social desaparece antes de se haverem desenvolvido todas as forças produtivas que nela têm cabimento, da mesma forma que nenhuma relação de produção nova ou mais evoluída surge, antes de verem amadurecidas no seio da sociedade antiga as condições materiais para sua existência. (MARX, 1846, apud GARDINER, 1969, p. 162-163, grifo nosso).



Karl Marx (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).

A leitura da passagem acima possivelmente induz a uma sensação de estranhamento pelo não esclarecimento de certos conceitos e pela sua forte condensação. Como tem sido tantas vezes assinalado, não é muito claro o que Marx queria dizer ao certo com a frase “relações de produção”.

O sentido vago dessa expressão torna difícil compreender as exatas implicações de sua tese, segundo a qual, em certas fases cruciais da história, as forças materiais de produção entram em conflito com as relações de produção já existentes, as quais se transformaram em “grilhetas” (grilhões) daquelas. São imprecisões como esta que levaram os críticos de Marx a contestar que sua teoria tivesse um caráter científico e que as “leis” que ela informa sejam leis genuinamente empíricas, capazes de serem confirmadas ou refutadas pela observação e pela experiência. O esclarecimento da teoria se torna assim, por si mesmo, um trabalho a ser realizado.

Com um pouco de esforço pode-se supor que as “forças produtivas” equivalem ao conjunto dos meios da produção, unindo-se: equipamento + matéria prima + técnicas + mão de obra, e por “relações de produção” entende-se a organização que os homens se dão para realizarem a produção de sua sobrevivência e em função da compreensão que têm desse processo fundamentalmente baseado no trabalho. Desse modo, entende-se que se as forças produtivas se transformam ou são melhor explicadas,

as relações de produção nela baseadas também sofrem transformação ou estão aptas a tal.

As “contradições” dialéticas que se revelam na história estão exatamente na operação de fatores excludentes ou opostos na estrutura de um mesmo “modo de produção” [“modo de produção”- formação histórica composta por forças produtivas e relações de produção], sendo ambos os fatores essenciais à sua existência, ficando a cargo do tempo, seus desenvolvimentos, levando-os a um irremediável confronto e ao colapso do modo de produção.



Revolução Russa (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com.br>).

O teórico marxista Helmut Fleischer (FLEISCHER, 1978, p.15-16) no seu livro: *Concepção marxista da história* apresenta o que chama de “princípios para um conceito de história no marxismo”, para nós, eles representam uma espécie de conceito minimalista, que poderia gozar da aceitação ampla dos marxistas:

1. *O princípio da relação universal de sentido*: a história é o devir do homem – considerada pelo jovem Marx em 1844 ainda no sentido de uma determinação ideal do ser, e, na obra posterior de Marx e Engels, de forma mais “naturalista”, como “hominização do macaco”, gênese de uma nova espécie (princípio antropológico ou antropogenético).
2. *O princípio da práxis histórica concreta do homem*: a história é a resultante, mais cega do que intencional, da atividade guiada pelas necessidades e dependente das situações, dos indivíduos e grupos (princípio pragmatológico).
3. *O princípio da lógica estrutural e processual objetiva dos acontecimentos sócio-históricos*: a história é um processo histórico-natural, que decorre segundo determinadas leis (princípio nomológico).

Não há, segundo Fleischer, necessidade de se colocar em oposição estes princípios, pelo contrário, só devem ser considerados como legítimos se se completam mutuamente.

Destacamos, finalmente, nesta exposição dos fundamentos da concepção materialista da história de Marx, seu caráter eminente político, humanista e libertário: a história, para que os homens ao conhecê-la se libertem, desfaçam a falsa imagem que têm de si – alienada – [alienação: conceito que Marx usa para indicar a forma estranha que toma a autocompreensão do homem no contexto da opressão, e que é atribuída ao efeito da religião que é um “ópio, espírito de um mundo sem espírito”] produzida pela religião e pela ciência transformada em ideologia da classe burguesa. A classe burguesa (ou qualquer outra no poder) se esforça para produzir uma história que aquieta e acomoda, igualmente à religião que funciona como um floreio que oculta os grilhões (para Marx a religião são “flores sobre as correntes”).

A força política desta concepção tem haver mais com a práxis do que com a superioridade acadêmica (que também é reivindicada por Marx), trata-se de fornecer ao ser humano as ferramentas para que este alcance a práxis, uma vez que: “os filósofos têm apenas *interpretado* o mundo de maneiras diferentes, a questão é *transformá-lo*”. (MARX, 1984, p. 111).

As questões suscitadas pelo pensamento de Marx são muitas e importantes, dentre tantas destacamos algumas para a reflexão: 1. A ideia de que há uma força contextual e natural determinando a consciência do indivíduo; 2. A condição da cultura como reflexo das forças produtivas e de seu grau de desenvolvimento; 3. A força do conhecimento para a transformação da história e não apenas para a compreensão do presente.

Estas ideias são acusadas pelos críticos de representarem o seguinte: no caso da primeira ideia, apresenta-se um reducionismo materialista ou naturalismo, que não enxerga nenhuma aquisição positiva de uma atuação independente da consciência reduzindo-a aos efeitos das condições materiais e naturais; no caso da segunda ideia, trata-se de economicismo determinista: somente o econômico explica e dirige a história; e na terceira ideia há a presença de um impulso à práxis que ultrapassa o potencial da própria história como pesquisa empírica e novamente lhe impõe um padrão explicativo exógeno, como o próprio Marx havia condenado em Hegel.

CONCLUSÃO

No pensamento de Marx surge uma real alternativa às filosofias idealistas da história. A concepção materialista, que assume as “forças materiais de produção” como base real para história, pretende explicar o processo histórico com base nas transformações sofridas por esta base refletindo-se nas estruturas nelas assentadas (“superestruturas”): cultura, Es-

tado, instâncias jurídicas, etc. A principal preocupação desta concepção é tornar o futuro, em sintonia com o desenvolvimento das forças produtivas, acessível ao homem para sua efetivação, o que implicará uma ação libertária de transformação da história pelo poder daquele(s) (classe) que no atual estágio da sociedade tem a prerrogativa para tal.



Lenin e Stalin (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).

RESUMO

A concepção materialista da história de Karl Marx é marcada pela escolha das forças de produção como base real do processo histórico e a consequente caracterização da cultura, do Estado e da instituição jurídica como reflexos do seu estágio de desenvolvimento. A história é fundamentalmente a história das forças produtivas e de seus efeitos dialéticos sobre as relações de produção. As questões suscitadas pelo pensamento de Marx repercutiram nos mais diversos âmbitos da cultura contemporânea, principalmente na política e na teoria social.





ATIVIDADES

Comente e problematize o seguinte pensamento de Marx sobre a condição humana na história: *“Não é a consciência dos homens que determina sua existência, mas, pelo contrário, é sua existência social que determina sua consciência”*.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Lembre-se que esta frase se baseia na concepção materialista de Marx e sua problematização se relaciona à acusação de reducionismo e determinismo.



PRÓXIMA AULA

Nossa próxima Lição será sobre a filosofia da história de Walter Benjamin.

REFERÊNCIAS

- COLLINGWOOD, R. G. **A ideia de História**. 6 ed. Tradução: Alberto Freire. Lisboa: Editorial Presença, 1986.
- FLEISCHER, Helmut. **Concepção marxista da História**. Tradução: Maria do Carmo Viana. Lisboa: Edições 70, 1978.
- GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. Tradução: Vitor Matos e Sá. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1969.
- LÖWITZ, Karl. **O sentido da História**. Lisboa: Edições 70, 1991.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. (1º Capítulo e Teses sobre Feuerbach). Tradução: Sílvio Donizete. São Paulo: Editora Moraes, s/d.